

# O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis.

120)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (AGOSTO 17, 1839)



PRAÇA PUBLICA D'ELVAS.

As tropas castelhanas, aos 22 d'Outubro de 1658, occuparam a eminencia que se achava desguarnecida, onde está o convento de S. Francisco, juncto a Elvas: a expugnação e tomada desta praça d'armas era o alvo do poder de Castella, que para este intento reunira um luzido exercito, composto de 14:000 infantes, 5:000 cavallos, e bem apovisionado de artilharias, transportes, e munições de guerra e de boca: crescia nestes soldados o enthusiasmo, porque os acompanhava nas fileiras a flor da nobreza do seu paiz, e eram mandados por D. Luiz Mendes d'Aro, marquez del Carpio, e grande valido do monarcha hespanhol, Philippe 4.<sup>o</sup> Contando com a escacez dos nossos recursos, e a pequenez do nosso numero, entrou o exercito inimigo presumindo victorias, e dirigiu-se a Elvas, porque calcularam os seus cabos de guerra que apossando-se desta praça, chave da provincia do Alemtejo, tinham o passo franco para invadirem a capital e conquistarem o reino. Governava em Elvas o Mestre de Campo General, D. Sancho Manuel, da illustre casa de Villa-flor. Foram pouco importantes os primeiros acontecimentos do cerco, á excepção de algumas sortidas que os sitiados fizeram com feliz successo, capitaneados por D. João da Silva, official habil e prudente: os castelhanos apertavam o sitio, varejando de continuo com a artilharia as fortificações, e cuidadosamente

evitando toda a entrada de soccorros e bastimentos. Sabidas na corte estas novas, a rainha regente de Portugal, por fallecimento d'elrei D. João 4.<sup>o</sup>, depois de lhe sair frustrada a primeira eleição que fizera da pessoa do duque d'Aveiro, D. Raymundo, para commandar o exercito que se ia levantar para soccorrer Elvas, nomeou para este arriscado serviço o conde de Cantanhede, sujeito de raras qualidades, em quem todos punham extrema confiança. Copiámos a carta regia, que por esta occasião lhe foi dirigida, para que se avalie o estylo da epocha em semelhantes documentos. — Conde amigo, Eu El-Rey vos envio muito saudar, como áquelle que amo. É de tanta importancia acudir á provincia de Alemtejo com uma pessoa que a governe, em quanto o inimigo persiste sobre Elvas, e que esta seja tal que a alente e console, e tenha auctoridade, actividade e zelo para formar um exercito, capaz de ir soccorrer aquella praça, se o pedir a necessidade, que ainda que a importancia de vossa pessoa nesta côrte pedia vos não apartasse de mim, me é preciso encomendar-vos partais logo a livrar-me do cuidado em que me tem posto as cousas daquella provincia, e a fazer-me e a este reino um serviço tão grande, como aquelle será; e porque para tão conhecido amor como me tendes e ao reino, e por o muito que desejais sua conservação e defenza, são

necessarias poucas palavras para vos persuadir vades acudir a tão grande occasião, com estas poucas regras espero partireis logo, e por ellas mando a todos os Cabos e Officiaes de Guerra, Justiça e Fazenda vos obedegam, cumpram e guardem vossas ordens em tudo o que tocar ao intento referido, em que espero façais o que deveis a quem sois, e á boa vontade que vos tenho, que são dois motivos bem grandes para um homem como vós. Escripção em Lisboa a 2 de Dezembro de 1658. — Rainha. —

Com effeito não foi vã a esperança da corte no conde de Cantanhede, este fidalgo partiu para Estremóz, onde estava André de Albuquerque, já experimentado em cousas de guerra, e conhecedor das necessidades da provincia. E brioso o comportamento do conde nesta occasião, que, indo munido de auctoridade superior, todavia cumprimentou ao Albuquerque dizendo-lhe que *ia a prevenir o exercito, e sentar praça de seu soldado, porque igualmente reconhecia a falta de se não haver creado na guerra, e nelle as grandes experiencias que havia adquirido nella*. Nisto mostrou o conde não só modestia, como também politica, porque conciliou o animo de André de Albuquerque, cuja pericia militar lhe foi de muito soccorro. Por este tempo o maior inimigo, que os sitiados tinham, eram sobre a falta de mantimentos as enfermidades que diminuiam quotidianamente o numero de defensores, chegando a mortandade a 300 em muitos dias. Nestas apertadas circumstancias, instando a necessidade de prompto soccorro, determinou o general portuguez sair de Estremóz a fazer levantar o cerco, ouvidos primeiro os pareceres dos officiaes principaes, ainda que as suas tropas se compunham pela maior parte de gente bisonha e indisciplinada, por tal fórma que diz o conde da Ericeira, no Portug. Restaur., *só a confiança do valor invencivel da nação portugueza podia animar as esperanças da victoria*.

Diz o mesmo escriptor que o favor divino nos seria propicio pela causa justa que defendiamos, pretendendo só livrar-nos do jugo de Castella, argumentando do tracto passado o que deviamos esperar do futuro. E com effeito as violencias dos usurpadores, os insultos, a anniquilação de nossa gloria, o desbarate das rendas publicas em mãos estranhas, tinham gerado odio entranhavel nos portuguezes ao dominio dos Philippes e a seus successores, que conservassem lembrança de nos subjugar. Boa parte teve este rancor nos felizes successos com que abatemos o orgulho das armas hespanholas, e sustentámos a independencia do paiz. Um povo animado pelo sentimento da nacionalidade é inconquistavel: a defeza dos lares paternos e o amor patrio são os mais fortes estímulos da valentia. Valentes e decisivos foram os rasgos d'heroismo com que se illustraram nossos antepassados na lucta gloriosa de 1640 em diante contra o jugo estrangeiro; e que o diga o memoravel dia 14 de Janeiro de 1659 em que as nossas tropas, rompendo as bem fortificadas linhas que os castelhanos estabeleceram em frente d'Elvas, os desbarataram completamente, libertando a praça, e desassombrando o reino dos males que o ameaçavam. Não valeu aos inimigos terem, por prisioneiros que fizeram, conhecimento antecipado do logar do ataque; antes esta circumstancia serviu para dar maior realce ao valor da victoria. D. Luiz de Aro, vendo perdida a batalha, fugiu para Badajoz, e outros generaes hespanhoes seguiram este vergonhoso exemplo, abandonando os seus soldados na extrema confusão e derrota em que os poz a valentia das nossas tropas. O conde de Cantanhede entrou victorioso em Elvas a receber com seus irmãos d'armas os applausos mereci-

dos por tão assignalado triumpho: mas como não ha victoria sem desconto, choraram os vencedores a perda do illustre militar, André de Albuquerque, que caiu mortalmente ferido no ardor da peleja.

Entre os varios acontecimentos, de que Elvas foi theatro, sobresaee esta memoravel batalha conhecida nos fastos, e tradições portuguezas pelo nome de *Victoria das linhas d'Elvas*. — Porém neste tempo as fortificações da praça, posto que celebres, não tinham comparação com o augmento e grandeza que depois adquiriram; reservámos para este objecto especial um terceiro artigo.

A nossa gravura representa a principal praça publica d'Elvas, onde está situada a sé, de que fallámos em o N.º 115, e que é notavel externamente só pela fórma singular da sua torre. Nesta praça ha um pelourinho de uma só peça de marmore, inteira e bem lavrada: o paço do bispo, que tem comunicação para a cathedral, é o principal edificio, d'extensa frontaria, e com muitas accomodações, que já tem servido de residencia d'alguns governadores.

#### DOS PRODUCTOS INDUSTRIAES DO MILHO.

##### Artigo IV.

TRACTAREMOS neste ultimo artigo da questão economica sobre a cultura do milho, e fabricação do assucar e do papel com a cana desta planta, para a resolução da qual examina o Dr. Pallas as despezas de cultura e de fabricação, comparadas com o valor dos productos agricolas e industriaes, que podem produzir 2066 braças quadradas de terra semeada de milho, fundando este seu exame no resultado da cultura feita em dois pontos de clima differente, um no departamento dos Baixos-Pyreneus, e outro no de Pas de Calais.

##### 1.º Despezas da cultura do milho nas visinhanças de Bayona.

|  |           |
|--|-----------|
| Quatro juntas e meia de bois para lavar e desterroar . . . . . | 3:240 (1) |
| Carregar, transportar, e espalhar o estrume . . . . .          | 3:040     |
| Lavar aos regos, semear e gradar . . .                         | 2:400     |
| Primeira e segunda sacha, e arrendar .                         | 1:760     |
| Mondar . . . . .   | 480       |
| Cortar o pendão, e seca-lo para forragem . . . . .             | 3:200     |
| Apanhar as folhas caídas . . . . .                             | 1:280     |
| Apanhar, carregar, e encelleirar as espigas . . . . .          | 1:440     |
| Desfolhar as espigas, e debulhá-las. . .                       | 2:200     |
| Estrume, salvo a observação adiante . .                        | 24:000    |
| Semente 3 alqueires . . . . .                                  | 1:280     |
| Arrendamento da terra . . . . .                                | 15:680    |

R.º 60:000

*Productos*. — Deve-se ter presente que junctamente com o milho se semea feijão, cujo producto médio é de 21 ¼ alqueires, e depois da segunda renda se semea de ordinario trevo encarnado, que produz 25 quintaes, que se reputam por 9:600. Todavia se o cultivador não semear trevo, é por querer fazer immediatamente succeder ao milho sementeio, trigo, ou outro cereal; priva-se então do producto do trevo, mas não precisa de estrumar, vindo a poupar metade da despeza, isto é, réis 12:000; depois da ceifa do trigo, semeará trevo, que se dá muito bem

(1) Para mais facil intelligencia temos reduzido as moedas, pesos e medidas de França ás de Portugal.

sem novo estrume, e sómente estrumará em Maio para nova colheita de milho, depois de haver ceifado o trevo, cujas raizes servem d'adubo. Vê-se pois que metade, pelo menos, do estrume serve a duas colheitas diferentes, e mesmo em rigor se deveria fazer conta com parte da outra metade a favor do cereal que succeder ao milho. Mas para se estabelecer uma justa compensação, diminuir-se-ha metade da despesa do estrume, e se contará o trevo, ceifado o trigo, como se tivesse sido cultivado ao mesmo tempo que o milho.

Sendo assim, 2066 braças quadradas de terra semeada de milho devem produzir no sudoeste da França:

|  |               |
|--|---------------|
| 188 $\frac{1}{2}$ Alqueires de milho . . . . . | 49:920        |
| 21 $\frac{1}{2}$ „ de feijão . . . . .         | 7:200         |
| 25 Quintaes de trevo encarnado . . . . .       | 9:600         |
| 15 „ de forragem, bandeiras, fo-               |               |
| lhas, &c. . . . .                              | 5:760         |
| Carolo para queimar, e cannas para a ca-       |               |
| ma dos animaes . . . . .                       | 1:600         |
| Metade da despesa do estrume a deduzir . .     | 12:000        |
| <b>Total</b>                                   | <b>86:080</b> |

Despezas 60:080

Liquido 26:080

Ácerca da produção do milho nas visinhanças de Bayona, observa o Dr. Pallas que é inferior á ordinaria da Belgica, e do departamento de Pas de Calais, pois que esta é de 435 alqueires, o que parecerá incrível a muitos dos cultivadores do meio dia da França; porém é um facto que muito bem se explica pela natureza do terreno, e pelo systema de cultura seguido nestes paizes. “Com effeito, diz elle, nos departamentos dos Baixos-Pyreneus, e de Landes o espaço entre os pés do milho é e deve ser maior do que no norte da França, por produzir o campo ao mesmo tempo feijão, e o mais das vezes trevo encarnado. Esta tripla colheita deve pois diminuir a superficie do terreno á custa da colheita do milho. Nos nossos ensaios, e n'outros feitos na Belgica, a cultura tendo sido exclusivamente consagrada ao milho, e o espaço definitivo entre os pés da planta sendo mais regular e mais limitado, o numero de cannas, e por consequente o das espigas, deve ser maior no norte do que no meio dia.”

“Seja porém como fôr, continúa elle, eis o resultado da cultura do milho no departamento de Pas de Calais.”

2.º *Productos da cultura do milho nas visinhanças de S<sup>t</sup> Omer.*

|                              |                              |
|------------------------------|------------------------------|
| Milho . . . . .              | 435 Alqueires.               |
| Forragem secca . . . . .     | 51 Quintaes.                 |
| Espathas ou folhata para     |                              |
| enxergões . . . . .          | 17 $\frac{1}{2}$ „           |
| Carolo . . . . .             | 43 „ 1 $\frac{1}{2}$ arroba. |
| Cannas desfolhadas . . . . . | 127 „                        |

Os cento e vinte e sete quintaes de cannas, colhidas em tempo opportuno, produzem, pelos processos de fabricação já descriptos,

|                             |  |
|-----------------------------|--|
| 1.º Assucar bruto . . . . . | 2 Quintaes, 70 $\frac{1}{2}$ arrateis. |
| 2.º Melasso . . . . .       | 5 — „ —, 13 — „                        |
| 3.º Polpa ou paren-         |  |
| chyma . . . . .             | 44 — „ —, 88 — „                       |

Com a polpa póde-se fabricar 77 resmas de papel, formato *grand raisin*, pesando 17 quintaes e 24 arrateis; e com o melasso se fabricará 53 canadas de sacchaça.

*Despezas de cultura.* — Arrendamento . . . . . 19:200

|   |        |
|---|--------|
| Duas lavras e transporte do estrume . . . . . | 6:400  |
| Estrumes . . . . .                            | 16:000 |
| Semente 3 alqueires . . . . .                 | 1:120  |
| Lavrar aos regos, semear, sachar e arrendar   | 4:800  |
| Esponstar . . . . .                           | 4:800  |
| Colheita das espigas, desfolhar e debulhar .  | 7:200  |
| Impostos. . . . .                             | 2:400  |

Total 61:920

*Despesa do fabrico do assucar.* — Suppondo fabricar-se diariamente a quantidade d'assucar e de melasso já indicada, a despesa diaria será:

|   |          |          |
|---|----------|----------|
| Combustivel. . . . .                        | } 11:200 | } 16:000 |
| Carvão animal. . . . .                      |          |          |
| Cal, e mão d'obra. . . . .                  |          |          |
| Interesse do din.º, e arrendamento. . . . . | } 4:800  |          |
| Uso das machinas e impostos. . . . .        |          |          |

*Despesa da fabricação do papel.* — Os 44 quintaes e 2  $\frac{1}{2}$  arrobas de polpa da canna podem produzir 40 por cento de papel. O producto total é de 77 resmas, pesando 17 quintaes e 24 arrateis, cuja despesa é de . . . . . 24:640

|  |               |
|--|---------------|
| Interesse do dinheiro, arrendamento do local e impostos por quinze dias, tempo necessario para se fabricarem as 77 resmas. . . | 4:800         |
| <b>Total</b>   | <b>29:440</b> |

“Observaremos, diz o Dr. Pallas, que a despesa de cultura e de fabrico é calculada a preço excessivo, preferimos porém faze-lo assim, afim de que a differença que poderá haver seja de vantagem aos que empreehenderem esta industria.

“Temos tambem apontado haver grande differença na quantidade dos productos agricolas do milho no norte e meio dia da França; o resumo abaixo, estabelecido sobre a média dos dois resultados, indicará a despesa e beneficio da cultura do milho, e do fabrico do assucar e do papel com a canna desta preciosa planta.

*Média dos productos agricolas e industriaes que em França se póde tirar de 2:066 braças quadradas de terra semeada de milho grosso amarello, ficando os pés a 18 pollegadas de distancia uns dos outros.*

*Productos agricolas.*

|   |        |
|---|--------|
| 1.º 325 $\frac{1}{2}$ Alqueires de milho . . . . .  | 72:000 |
| 2.º 42 $\frac{1}{2}$ Quintaes de forragem secca . . . . .   | 12:800 |
| 3.º 10 Quintaes e 26 lb. de folhelho para enxergões . . . . .   | 3:840  |
| 4.º 37 Quintaes, 2 $\frac{1}{2}$ arrobas de carolo . . . . .  | 2:400  |
| 5.º 110 Quintaes, 2 $\frac{1}{2}$ arrobas de cannas, sem valor, por lhes ser dado pela fabricação . . . . . | ;      |

*Productos industriaes.*

Os 110 quintaes, 2  $\frac{1}{2}$  arrobas de cannas produzem

|   |        |
|---|--------|
| 1.º 2 Quintaes e 27 arrateis de assucar bruto . . . . . | 24:960 |
| 2.º 4 Quintaes, e 54 arrateis de melasso . . . . .      | 8:320  |
| 3.º 38 Quintaes, e 92 arrateis de polpa . . . . .       | 36:400 |
| 4.º Com a polpa póde-se fabricar 40                     |        |

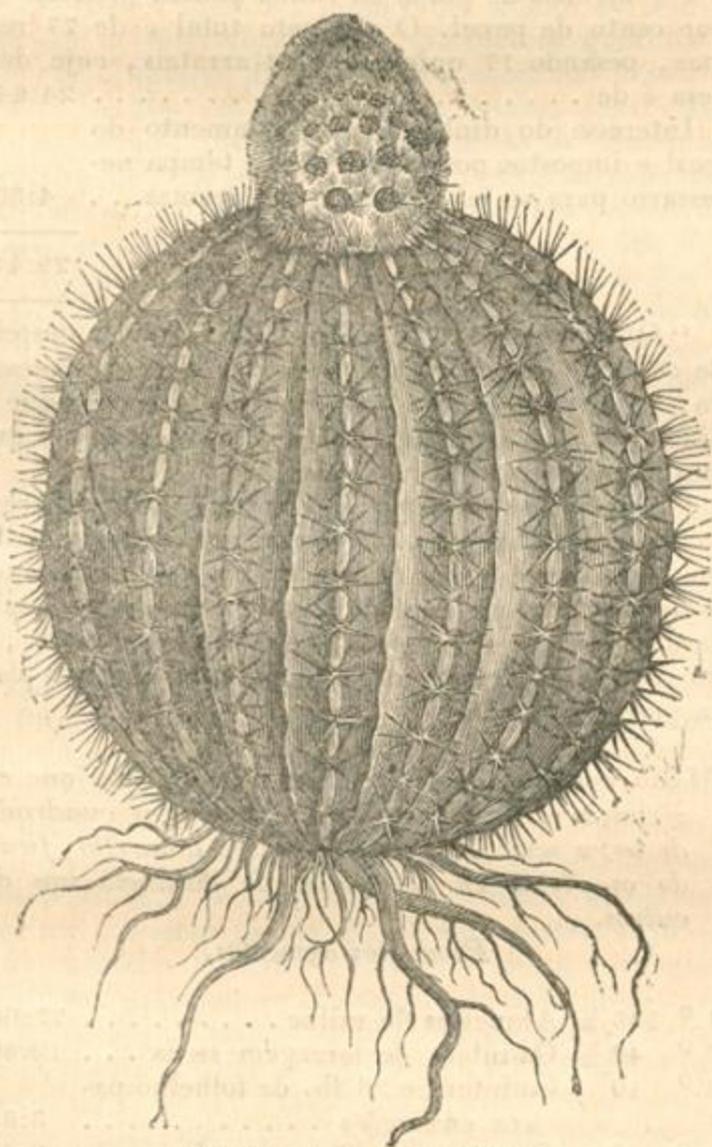
por cento de papel, o que dá o total de 15 quintaes e 62 1/2 ar-rateis de papel, ou 67 resmas . . 85:760

246:480

A deduzir. Despeza de cultura . 61:920  
Fabricaç. do assucar. 16:000 } 140:560  
,, do papel. . 62:640(2) }

Liquido 105:920

Bem desejáramos fazer entre nós uma applicação comparativa dos resultados obtidos pelo Dr. Pallas; privados porém de dados d'estatística ácerca da nossa agricultura, não podemos realizar os nossos desejos; deixámos pois essa tarefa a quem mais instruído do que nós possa cabalmente fazer conhecer aos nossos cultivadores todas as vantagens que podem tirar dando-se com perseverança a este novo ramo de industria, que, sem se augmentarem muito as despezas, lhes proporcionará um acrescimo de rendimento, que sem grande erro se poderá calcular de 10 a 12 por cento. — F. I. P. Rubião.



(*Melocactus communis.*)

A FAMILIA dos cactos, a que pertencem o que produz as tunas, todas as cochonilheiras ou opuntias, e as que em o nosso paiz vulgarmente chamámos figueiras da India, é talvez o mais singular vegetal pela configuração, e modo de crescer. Não concorda com a idéa que ordinariamente fazemos d'uma plan-

ta, porque não tem folhas, e o tronco se desenvolve em fórmas mui variadas, e excentricas: quasi que é necessario contemplar as esplendidas e fragrantas flores com que algumas especies se revestem para nos convencer-mos de que os cactos são do mesmo reino da natureza a que pertence a magestosa palmeira.

Nas extensas e torradas planicies da America do Sul cresce uma especie desta familia, que é indubitavelmente um dom da providencia em tão aridas regiões: os animaes que as povóam acham no *melocactus* um çumo frio e refrigerante para os saciar em casos de desesperada sêde. Este vegetal, de figura espherica, sulcado por numerosas estrias ou vincos como os do melão, encerra dentro da casca dura e erriçada de espinhos uma polpa muitissimo aquosa. Os cavallos bravios dos *pampas* sabem despoja-los dos picos valendo-se dos pés, affoutando-se a beber o succo refrigerante; mas nem sempre sem perigo se aproveitam desta fonte vegetal; muitos ficam mancos e estropiados por causa das bastas puas que a defendem.

Quem desejar lêr uma descripção magnifica das planicies ardentes da America Meridional, onde a propriedade do *melocactus* se menciona, póde consultar os excellentes — *Tableaux de la Nature* — do celebre barão de Humboldt.

#### USOS, TRAJOS E MODAS DO SEculo PASSADO.

O SEculo 19.<sup>o</sup>, em que hoje vivemos, produziu tal revolução em nossos trajos, usos e costumes, que é necessario para a comprehender ter visto, ou ouvido descrever por miudo o modo de vida que se observava no seculo anterior.

Apenas um cavalleiro se erguia da cama já o estava esperando o barbeiro para lhe rapar as barbas: esta operação era então mais demorada que nesta nossa epocha de progresso, em que dois terços de cara ficam por barbear. Vinha depois o cabelleireiro, que não gastava pouco tempo em pentear, en-sebar, encrespar e empoar o cabello. Dava-se em seguimento ao prolixo trabalho de vestir-se, cousa que os mais diligentes não levavam a cabo em menos de tres quartos de hora, tão complicados eram os seus atavios, e tantas as fivelas com que se ajustavam, a contar da que apertava a gravata até as que prendiam no calçado. Concluida por fim esta tarefa cingia o bom do homem a sua espada, punha o chapéu debaixo do braço, e encommendava-se a Deus para arrostar a intemperie da estação em corpo gentil e com a cabeça descuberta. Se ia a pé era com muita precaução e tento, para não empoar ou enlodar a meia de seda branca e os çapatos. Houve individuos que adquiriram fama, e a maior consideração na sociedade, porque atravessavam Lisboa no rigor do inverno sem enlamear-se. E não admirava que um dom tão raro fosse para invejar quando nem só para negocios se palmilhavam as ruas. O homem mais independente tinha os indispensaveis deveres de um ceremonial distribuido com tanta exactidão e regularidade, que lhe não sobrava tempo. Davam-se as boas festas tres vezes no anno; os parabens a cada um no dia do sancto do seu nome, e no anniversario do seu nascimento. Faltar a um destes emboras, ou a uma felicitação de parto, era quanto bastava para que duas familias se arrufassem. Não emprehendiam a mais pequena jornada sem uma despedida geral, que se pagava no dia seguinte, e repetia á volta para se darem as boas vindas. Um estrangeiro que entrasse em qualquer cidade ou villa no dia da festa de algum sancto cujo nome é entre nós

(2) As addições deste numero são:

|  |        |
|--|--------|
| 1.º Despezas de fabrico a 320 a resma, em 67 . . . . .   | 21:440 |
| 2.º O valor acima da polpa . . . . .                     | 36:400 |
| 3.º Interesse do dinheiro, aluguel, e impostos . . . . . | 4:800  |
|  | 62:640 |

mais vulgar, ao ver o povo correndo apressurado sem tomar o folego, a julgaria involvida em uma sedição politica, ou em um incendio. Alguns infelizes caíam mortos de cansaço por lhes faltar o tempo necessario para acudirem a pentear, calçar, barbear e vestir os freguezes. Tal era a sociedade nestas solemnidades.

Fallemos agora dos dias ordinarios: jantava-se á uma hora, e comia-se mais do que hoje, advertindo, porém, que se carecia de mais habilidade para saber comer do que para o saber ganhar. Havia uns dices de papellão para se adaptarem em cima dos punhos, porque era cousa assentada que as mãos não podiam fazer o seu officio com semelhantes adornos. Outras machinas e preservativos se inventaram para não manchar os bordados da vestia, nem as pregas da camisola; nenhuma destas invenções, porém, era tão complicada e singular como as que havia mister pôr em practica para dormir a sesta, costume geral, e talvez util em nosso clima. Era para ver um homem de barriga para baixo, sem tocar na almofada senão com a testa, para não desconcertar os anneis.

Só aos que não tinham de concorrer depois a grandes assembleas era licito prescindir do penteado, e cubrirem a cabeça com uma gorra. Estes taes saíam embugados em um capote, mas nem assim podiam ir folgar ao campo, porque a meia de seda e o çapato os estorvava de se desviarem da estrada. Os homens, todavia, ainda podiam firmar os pés no chão, mas as senhoras, suspensas sobre os descommunes saltos, davam passos perigosissimos. Oprimidas, além disso, por um desalmado espartilho, que exercicio podiam fazer? Era este adorno entre ellas de tão continuo uso que muitas mães de familia creavam os filhinhos dando-lhes de mammar por uma pequena abertura ou portinhola feita no proprio espartilho, emquanto as pobres creancinhas, apertando inutilmente o rosto d'encontro ás inflexiveis barbas de balea, buscavam o calor do seio materno.

Havia dia de tres metamorphoses para os cavalleiros, porque se vestiam segundo a gravidade do assumpto o exigia. Quando iam aos touros misturavam-se com a plebe as pessoas mais distinctas, com um barrete na cabeça, e ahí se divertiam a assoviar, ou se esgançavam para que apanhassem o boi á unha. Os theatros não offereciam maior moralidade nem menor reboliço. Só para as sociedades reservavam o silencio, o decoro, e a compostura. E, com effeito, nada se podia apresentar de mais grave e pathetico: as damas assentadas em um estrado formavam um corpo irresistivel, que não dava outro signal de sensibilidade mais que o movimento compassado dos abanicos: os homens em linha parallela estavam tambem collocados por ordem de classes, dignidades e meritos, como se alli tivessem vindo não a folgar senão para ouvir a tremenda sentença do valle de Josaphat. Musica não a havia, nem dança, excepto algum minuete. Só os que jogavam usavam do direito de gritar, ou de marcar o numero dos trunfos que levavam com grandes punhadas sobre a mesa, que se collocava, quasi sempre, no meio da salla. Acabada a funcção, e recolhidas as familias a suas casas, empregavam tanto tempo para se despojarem de suas galas, quanto tinham gastado em se adereçarem com ellas. Entretanto que desarmavam a cabeça da senhora, derribando o enorme toucado que a compunha, desfaziam os riçados que adornavam a de seu digno esposo. Quantas vezes os proprios filhos, ao verem aniquilar-se a estatura, a fórma e o volume dos auctores da sua existencia, cujas feições ficavam para elles desconhecidas, se contristavam e sorprendiam!

A ultima occupação diaria de nossos maiores era a de dar corda aos relógios de algibeira. E não julguem que este exercicio era de pequena monta, porque cada qual trazia dois, e estes de duas caixas. Tudo era duplicado naquella ditosa epocha: dois relógios, dois lenços de assoar, e duas caixas de polvilhos.

Tal é o bosquejo daquelles costumes muito embora innocentes, porém de meras formalidades. O proprietario, o mercador, o artista, o pobre, o rico, o nobre e o plebeu, por formula entregavam o filho a um preceptor, por formula se matriculava o grammatico, por formula seguia uma carreira, por formula vestia a farda, por formula, emfim, embarcava para o Brasil, ou para a India, donde voltava sem saber que havia antipodas.

#### URBANIDADE.

##### 1.º

A VIRTUDE e a sabedoria são duas qualidades importantes que tem, como effectivamente deviam ter, a principal influencia na opinião que de nós formam as pessoas com quem vivemos: mas não são sufficientes para nos adquirir esta boa opinião, e a estimação de que depende a prosperidade da vida. Apon-tam-se o comportamento e boas ou más maneiras de qualquer, muito antes de conhecida a sua honra e habilidade. Quando porém as maneiras são taes que logo ao principio causam impressão desagradavel, é quanto basta para se fazer má idéa das qualidades da pessoa, por mais brilhantes que sejam.

Eis em que consistem as sympathias e antipathias. O rosto agradavel attrae as inclinações, porque, como bem notou um eminente escriptor: —Uma physionomia bella é a melhor carta de recommendação—: porém as boas maneiras não são menos importantes do que a boa presença; e sendo esta meramente um simples dom da natureza, uma qualidade accidental sobre a qual não temos dominio, são, pelo contrario, aquellas inteiramente sujeitas ao nosso arbitrio, e as podemos modificar e aperfeiçoar. Por isso é de razão que nos movam as impressões do bom ou máu modo das pessoas com quem tractámos: porquanto sendo facil a qualquer o corrigir o desagradavel de seus costumes, todo o que o não faz é porque não quer, e mostra ser tão insociavel, e tão insolente despresador de seus semelhantes, que não se lhe dá que o tenham em boa ou má conta.

Para fazer uma descripção das —maneiras— seria necessario espaço muito maior do que ordinariamente dedicámos neste Jornal a artigos de mais importancia: porém tornaremos de vez em quando a este assumpto, para darmos um perfeito manual de preceitos para os mancebos que á custa da propria diligencia e habilidade teem de abrir caminho para entrarem na sociedade escolhida.

É certo que os varios estados dos differentes individuos influem diversamente nas particularidades do seu modo de proceder: pois o que está bem a uns ás vezes, está mal a outros, conforme as circumstancias. O conselho que intentámos dar será de interesse geral, e tanto mais apreciavel quanto tem por fim o dar uma exacta idéa não só das particularidades necessarias em certas condições, como tambem do procedimento que respeita a todos em geral.

Uma cousa deve constantemente andar impressa na mente de todos os que desejam captar a benevolencia alheia, e he, que o desejo sincero de agradar e ser prestavel é o principal e mais efficaz re-

quisito das = *boas manciças*. = Este desejo nos ensinará a evitar qualquer grosseria que motive enfado a uma companhia, como também acções affeminadas e servís, que fazem com que desagrademos, e nos aborreçam as pessoas que pretendemos ter a nosso favor.

Outra circumstancia essencial é = o não ser fallador. = Ainda mesmo os que não teem feito sobre o homem estudo particular e serio podem fazer idéa do quanto é util ser bora ouvinte, para ser bem succedido nos negocios. Interromper o discurso que alguém nos dirige, ou para contraria-lo, ou para o corrigir, infallivelmente enfada, muitas vezes faz sair fóra de si a pessoa que falla, por se ver tractada por modo tão incivil. Fazemos especial menção deste defeito, porque os mancebos de talento são os que de ordinario mais caem nelle: a vivacidade e a impaciencia colligam-se para que não reflexionem nos funestos effeitos de taes interrupções, offendendo assim o melindre de cada um com dictos e comentarios, que aliás produziriam bom effeito sendo apresentados em occasião opportuna. A mera interrupção é por si desagradavel, mas se reflectirmos no golpe que desfexámos no amor proprio da pessoa que interrompemos, dando-lhe a entender que não damos importancia ao que nos diz, não deveremos estranhar se as nossas observações, ainda que de muito pezo, forem *in limine* desattendidas, e por consequente ficarmos reputados por insolentes, grosseiros, e insensatos falladores.

#### BREVIDADE DA VIDA HUMANA.

Quando no fim d'um anno reflectimos quão depressa passou, e que de poucos espaços tão curtos como este é que se compõe a vida mais dilatada, temos feito idéa da pouca duração da nossa existencia. Todo o genero humano acredita esta verdade: e, do mais nobre até ao mais humilde, todos a conhecem e a deploram. Mas posto que ninguem ignore ser a vida tão curta, faz-se disto mui pouco caso, assim como de outras cousas importantes. Sendo já por natureza tão limitada a nossa vida, nós a fazemos de motu proprio ainda mais breve: queixamo-nos, de que nos é dado mui pouco tempo para obrar, e não obstante isto, por indisculpavel inconsequencia, empregamos esforços para que ainda seja menos. Dos poucos annos concedidos á nossa existencia sobre a terra, ha uma porção consideravel que por sua natureza é privada do exercicio da intelligencia: os nossos primeiros annos, pelo que respeita á utilidade moral, passam-se tão inutilmente, como na idade decrepita, que é quasi dedicada ao somno: depois da infancia segue-se a vertiginosa e inconsiderada juventude, durante a qual não fazemos melhor uso do tempo do que na primeira e ultima idades da vida. Fazendo estes descontos á duração do nosso tempo, quão breve nos parecerá então a vida humana por mais dilatada que seja! E quão reprehensíveis e inconsequentes sômos em a fazermos ainda mais breve empregando mal as fugitivas horas que temos á nossa disposição? Se meditássemos seriamente, e calculássemos as horas que diariamente consumimos sem fazer cousa alguma, ou em objectos inuteis, pasmaríamos e envergonhados ficaríamos á vista de tão criminoso e nocivo desperdicio.

De ouro e prata quasi todos somos avaros; mas do precioso tempo, que uma vez perdido se não recupera mais, desperdiçamos grande parte, ainda que continuamente nos queixámos da pequena quantidade que nos é concedida.

Se ás razões já expendidas fosse necessario acrescentar mais argumentos a favor do melhor aproveitamento do tempo, bastára somente lembrar-nos de quão incerto é o titulo porque o possuímos. Ainda a vida mais extensa é curta e breve; e o mais moço de nós está na incerteza se viverá um só dia mais ou até uma só hora. Não é somente contra cabellos brancos, ou membros paralyticos, que a morte inexoravel dispara os tiros, também o berço não está isento de seus ataques; e os calculos mais exactos que se tem feito, ou podem fazer sobre a mortalidade da especie humana mostram que é maior o numero dos mortos antes dos dezeseite annos do que depois desta idade.

Meditem pois os nossos leitores moços quão fugaz é o tempo que nos é concedido viver, e talvez que então façam uso mais louvavel e proveitoso de cada porção d'elle. Todos os bens deste mundo se podem dispensar, ou recuperar, excepto o tempo, que uma vez perdido perdeu-se para sempre: e emquanto lamentámos a perda do tempo passado, foge o presente, e torna a perda ainda mais sensivel.

Quereis, ó mancebos, desfructar vida prolongada? Occupai-vos em todo o tempo que velais; pois não é o grande numero de annos, mais sim o bom uso e aproveitamento do tempo, que fazem a vida extensa, e dão o acatamento e veneração devida ás cans do que habita largos dias sobre a terra, e vê nascer e morrer gerações inteiras.

#### NOTICIAS SOBRE A INVENCIVEL ARMADA (\*).

A ARMADA que Philippe 2.<sup>o</sup> mandou ajunctar no porto de Lisboa para a conquista de Inglaterra saiu do Tejo a 30 dias do mez de Maio de 1588, em numero de 150 velas, a saber.

|   |       |
|---|-------|
| Galeões e naus grossas . . . . .  | 65    |
| Urcas de 300 até 700 toneladas . . . . .  | 25    |
| Pataxos de 70 até 100 ditos . . . . .   | 19    |
| Zavras e galeões de Portugal, entre os quaes foi o galeão S. Martinho, em que ia o duque de Medina-Sidonia com mil homens de peleja; o galeão S. João, que foi por almirante de toda a armada e levava oitocentos soldados; o forte galeão S. Matheus, que levava setecentos soldados . . . . . | 13    |
| Galeças . . . . .   | 4     |
| Galés . . . . .   | 4     |
| Caravellas grandes para serviço da armada .   | 10    |
| Falvas armadas, com seis marinheiros cada uma . . . . .   | 10    |
|   | <hr/> |
|   | 150   |

Levava esta armada 1496 peças de bronze, e 934 de ferro coado.

Para esta artilharia havia 113790 pelouros e 5175 quintaes de polvora para a artilharia e as arcabuzarias; 1258 quintaes de chumbo para pelouros de arcabuzaria, com mais 1151 quintaes de murrão.

Gente que foi nesta armada:

|                                |       |
|--------------------------------|-------|
| Soldados castelhanos . . . . . | 16983 |
| Ditos portuguezes . . . . .    | 2000  |
| Aventureiros . . . . .         | 124   |
| Gente do mar . . . . .         | 8051  |
| Criados . . . . .              | 465   |
| Entretenidos . . . . .         | 238   |
| Criados dos ditos . . . . .    | 163   |

(\*) Vid. o destino e fim da invencivel armada a pag. 38 do 2.<sup>o</sup> vol.

|  |        |
|--|--------|
| Gente de artilharia .....  | 167    |
| Do hospital .....  | 85     |
| Religiosos de todas as ordens .....  | 180    |
| Cavalleiros da casa do duque .....   | 22     |
| Em as galés e galeaças iam mais 2088 pessoas, afóra officiaes da fazenda e ministros da justiça. |        |
| Total da gente a que se dava ração .....   | 30693  |
| Os mantimentos de que se proveu esta armada para seis mezes são os seguintes:                    |        |
| Biscuito, quintaes .....   | 110000 |
| Vinho, pipas .....   | 14160  |
| Toucinho, quintaes .....   | 6000   |
| Queijos, ditos .....   | 3433   |
| Pescado de todo o género, ditos .....  | 8000   |
| Arroz, ditos .....   | 3000   |
| Favas e grãos, ditos .....   | 6320   |
| Azeite, cantaros .....   | 11398  |
| Vinagre, ditos .....   | 23860  |
| Agua, pipas .....  | 11870  |

E nem com esta armada haver sido a maior e mais forte que se viu depois daquella com que Annibal passou a Italia, diz o P.<sup>o</sup> Fr. Nicolau de Oliveira no seu livro das grandezas de Lisboa, donde extrahimos estes apontamentos, nem o grande numero de gente que nesta occasião se ajunctou nesta cidade, fez parecer haver mais gente nella, nem os mantimentos cresceram no preço ordinario, nem faltaram homens do mar, nem carpinteiros, nem calafates para toda ella, e para 5 naus que naquelle anno foram para a India, e para os navios de todas as mais conquistas.

#### O RETRATISTA E O QUADRO.

UM retratista instruido poderia compôr um livro bem interessante sobre as differentes manias das pessoas que pretendem ser retratadas. A pessoa formosa acha que o artista errou se não fez sobresair com delicadeza alguma feição de que ella se vangloriava; e a que é desfavorecida da natureza queixa-se de a haverem copiado com demasiada fidelidade. — A pessoa vaidosa, emquanto está sentada diante do pintor, faz um semblante que totalmente a desfigura. — A que do pó subiu a alto posto reveste-se de uma dignidade tão contraria á sua humilde educação, que a torna summamente ridicula. A orgulho a, pelo seu illustre nascimento, finge uma condescendencia e affabilidade forçadas, mui oppostas á sua disposição natural; e como a menor contorsão ou apparencia obrigada altera muito a verosimilhança, resulta que a maior parte dos retratos são apenas arremedados dos individuos.

Nas exposições annuaes em que a academia de Londres apresenta ao publico milhares de retratos, só se encontram em cada anno, principalmente nas miniaturas, um ou dois que sejam reconhecidos pelos amigos das pessoas que representam, a não ser que se achem com algum traço conhecido, ou que tenham o nome escripto no catalogo: — e a culpa não é certamente dos pintores.

Ha outras pessoas que sem fazerem caso do seu retrato individual são, todavia, caprichosas nas idéas. Certo indiano, voltando a Inglaterra com sua segunda mulher, e sete filhos, dirigiu-se com toda esta familia a casa de um pintor para lhe fazer um quadro em *grupo* que a representasse; exigindo que no mesmo quadro fosse retratada a sua anterior mulher, fallecida na India havia cousa de dez annos.

Como posso retrata-la, disse o pintor, tendo ella

morrido ha tanto tempo, sem que eu jámais a visse? Quereis que a pinte como um anjo? Não senhor, replicou o indiano, muito bem me lembro que o não era: — pintai uma mulher, e basta. O retratista fez o que lhe mandaram, decorrendo muito tempo sem que o freguez viesse procurar o quadro. Mas um dia appareceu o indio com outra mulher pelo braço, contando que occorrendo a morte de sua segunda mulher, passára a novas nupcias, desejando por isso que a sua terceira consorte fizesse tambem parte do *grupo*. — O pintor assim o executou. — Indo, porem, entregar o painel das tres esposas, a terceira protestou que a pintura lhe não entraria em casa, observando que se não achava na Turquia para a representarem n'um serralho; e que, se as duas primeiras mulheres não fossem *eliminadas* do quadro, ella sairia pela porta fóra. O bom do marido, vendo-se entalado neste dilema, e assentando que era melhor ter uma consorte em carne viva, do que duas reduzidas a pó e tinta, mandou pôr estas no andar da rua, pagando ao artista a pintura e o borrão.

#### EFFEITO MARAVILHOSO DO PODER DO MACHINISMO.

N'UMA assemblea de fabricantes de Birmingham, convocada em 1834, leu-se uma memoria que comprovava o augmento do poder do machinismo em Inglaterra. A força das machinas que existiam neste paiz em 1792 igualava á de 10:000:000 d'homens. — Em 1827 já equilibrava a força de 200:000:000, e no fim de 1833 a de 400:000:000. — Os fusos, nas fabricas d'algodão, que no fim do seculo passado davam cincoenta voltas por minuto, gyram actualmente oito mil vezes no mesmo espaço de tempo. Em uma só fabrica de Manchester ha actualmente 136:000 fusos, sendo inecalculavel a quantidade do fio que produzem. *Outro calculo.* — Em 1827 contavam-se no reino unido de Inglaterra 15:000 machinas de vapor effectivas, e algumas de um poder incrivel, como a famosa de Cornwall, que tinha a força de 600 cavallos. — Deve suppor-se agora a existencia de 22:000 com a força de 1:125:000 cavallos, carecendo cada um delles para sua sustentação do producto de terreno que leve duas fanegas de semente: — tudo isto se economisa com a benefica descoberta do vapor. Os engenheiros inglezes calculam que a força de um cavallo é igual á de seis homens; e neste caso seria necessaria a força de 6:750:000 operarios para mover as machinas que ha presentemente em Inglaterra. Eis a quanto monta a economia de homens e cavallos, que produz o novo poder do vapor.

#### BALANÇA OU BALANÇO DO COMMERCIO.

GRANDES erros de economia politica, ciumes violentissimos entre as nações visinhas, inecalculaveis perdas em todos os mananciaes da prosperidade publica produziu em todos os tempos, e está ainda produzindo em algumas partes a *balança ou balanço do commercio*, isto é o calculo da differença entre a exportação e importação de qualquer praça. Os sectarios do *systema mercantil* tinham por axioma que a riqueza consistia na moeda, ou no ouro e prata: quando uma nação tinha minas destes metaes o meio obvio para ser rica foi fechar em si mesma todo o producto, e prohibir-lhe a exportação com as penas as mais severas. Assim fez Portugal, e Hespanha,

em vão, como necessariamente havia de ser. Quando não tinha minas, supposeram que devia coarctar a importação, e que exportando mais do que importasse, o resto lhe viria em dinheiro. Exportar muito, e importar pouco, eis-aí o que se concebeu, como o grande meio de enriquecer uma nação. Daqui vieram os direitos *prohibitivos*, os direitos *protectores*, as *gratificações*, os *drawbacks*, e as *proibições* absolutas dos generos por entrada. Se a troca commercial se fizesse de especie a especie identica, isto é, de uma cousa do mesmo peso, feitio, e toque, por outra de igual peso, feitio e toque, as deducções do systema mercantil poderiam ter cabimento: mas se as cousas, que se trocã são sempre diversas, com intervenção de respectivo *trabalho* diverso, aptas a satisfazer necessidades e appetites diversos, segue-se que o systema mercantil é erroneo, e que do seu balanço do commercio nada pôde concluir-se, que justifique as suas restricções e proibições. É indubitavel que é pela agencia do trabalho, que podem obter-se os diversos artigos, e conveniencias uteis e commodas ao homem. D'aqui, o grande problema daquelle parte da sciencia, que tracta da *produção* da riqueza, deve resolver-se na discussão dos meios porque o trabalho pôde tornar-se mais eficiente; isto é, determinar como podêmos alcançar a maior somma de productos necessarios, uteis, e appeteciveis, empregando a menor somma possivel de trabalho. Por tanto toda a medida que tende a augmentar o poder do trabalho, ou, o que vem a ser o mesmo, a reduzir o custo dos generos, deve augmentar proporcionalmente os nossos meios d'alcançar cabedal e riqueza. E assim, toda a medida ou regulamento, que tiver qualquer tendencia a dificultar trabalho, ou a encarecer o custo dos generos, deve igualmente diminuir estes meios. Ora o systema mercantil está em diametral opposição com estes incontrastaveis principios; é logo evidente que o systema mercantil é falso, erroneo, e insustentavel. Mas que povos teem melhor conhecido, e sabido aproveitar-se do seu commercio interno e externo? São, sem duvida, os inglezes, os francezes, e os americanos. E qual é a opinião destas nações sobre a liberdade do commercio? Vejamos. Os negociantes britannicos appresentaram um requerimento, em Maio de 1820, ao parlamento, cuja substancia é o seguinte: — "O commercio externo coopera altamente para a riqueza e prosperidade de um paiz, habilitando-o a importar generos, para que o solo, clima, capital, e industria d'outros paizes são mais appropriados, e a exportar em pagamentos os artigos, para que a nossa situação é mais adaptada. Não ha cousa tão propria para dar maior extensão ao commercio externo, e melhor direcção ao capital e industria do paiz, como a *franquia de restricções*. A maxima de comprar no mercado mais barato, e vender no mais caro, que regula todo o negociante em seu trafico individual, é a melhor das regras para o commercio de uma nação inteira. Uma legislação fundada nestes principios tornaria o commercio do mundo n'uma troca de vantagens mutuas, e deramaria um augmento de cabedal e gozos pelos habitantes de cada estado." — Vejamos agora o que disseram doze mil quinhentos e setenta e tres individuos proprietarios das vinhas do departamento de Gironda n'uma representação, que levaram ás camaras de França em 1828. — "Considerado em si mesmo, o systema prohibitivo é o mais deploravel dos erros. A natureza na sua variedade infinita repartiu por cada paiz attributos particulares; imprimiu em cada solo o seu verdadeiro destino; e é pela diversidade de productos, e minguas, que quiz

unir os homens por um vinculo universal, e operar entre elles essas connexões, que produziram o commercio e a civilisação. Qual é a base do systema prohibitivo? uma verdadeira quimera, que consiste em suppôr que se pôde vender ao estrangeiro, sem lhe comprar. Qual é pois a consequencia do systema prohibitivo? É que o paiz collocado debaixo do seu imperio não pôde vender os seus productos ao estrangeiro. Ei-lo pois concentrado em si mesmo; e á impossibilidade de vender o que teem de mais, vem juntar-se a necessidade de pagar mais caro o que lhe falta." — São memoraveis as palavras do *Committee of Ways and Means* dos Estados-Unidos no relatorio de 12 de Março de 1828, que dizem assim. — Em todos os casos, em que se impoem direitos pesados para ministrar protecção, o commercio estrangeiro, pela natureza das cousas, deve ser diminuido em muito maior extensão do que animada a industria domestica. — "E abaixo accrescenta-se — Fechando esta breve e imperfeita revista da operação destructora da proposta politica prohibitoria, chamada com singular despropriedade de linguagem, *politica protectora*, não é possivel deixar de notar, que é mais facil destruir, do que crear riquezas por legislação." Não é possivel vender ás outras nações, sem comprar-lhes — O commercio é uma troca: e não ha troca sem haver duas cousas, que se permutem. O effeito necessario e inevitavel do systema protector, ou mercantil é diminuir a exportação na mesma proporção que se diminuir a importação. Toda a protecção que parecer beneficiar um ramo de commercio, excluindo a importação, prejudica outro, excluindo a exportação. As despesas pagas pelo publico em alguma protecção, são sempre perda d'algun ramo de commercio, e preço augmentado de generos protegidos. A não-interferencia é o grande principio do commercio, e o systema mercantil o seu maior inimigo.

#### DEVER DE UM SOBERANO.

O ORGULHOSO Solimão, imperador dos turcos, estando em guerra com a Hungria, tomou-lhe a cidade de Belgrado, reputada então o baluarte da christandade. — Alguns dias depois de ter-se apoderado d'aquella praça aproximou-se a elle uma pobre mulher que debulhada em lagrimas se queixou de que na noute antecedente alguns soldados turcos lhe haviam roubado do curral uma vaca de leite, na qual se cifrava toda a sua fortuna. — "Certamente, respondeu o imperador sorrindo-se, tu dormias profundamente, pois que não sentiste os ladrões." — "Senhor, replicou com vehemencia a queixosa, verdade é que eu dormia a somno solto na idéa de que V. A. velava pela segurança e fazenda de seus subditos." Solimão que possuia uma alma heroica, longe de offender-se com a liberdade d'aquella mulher a recompensou, dando-lhe dez vezes mais do que perdêra no roubo.

*Anecdota.* — Milton, estando já cego, casou 3.<sup>a</sup> vez com uma mulher formosa, porém de caracter violento e agastado. Lord Buckingham, visitando Milton alguns mezes depois deste casamento, e vendo a formosura da mulher disse-lhe que sua esposa era uma rosa. — "Assim o acredito, respondeu o poeta, não pela cor, pois sabido é que não tenho vista, mas pelos espinhos de que é cercada que me chegam ao coração.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo  
N.º 39 = D.

LISEOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.